

CIÊNCIA E DIVERSIDADE CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DE CLAUDE CHRÉTIEN*

*Eraldo Medeiros Costa-Neto***

RESUMO — *Este artigo refere-se à crítica sociológica ao cientificismo, realizada por Claude Chrétien, autor que analisou a ciência diante da diversidade cultural humana, ao tempo em que chama atenção para o respeito, valorização e preservação dos conhecimentos tradicionais, indígenas e tribais frente à globalização.*

PALAVRAS-CHAVE: *Etnociência; cultura; cientificismo; globalização.*

ABSTRACT — *This article deals with the sociological criticism on scientificism carried out by Claude Chrétien, who analysed science and diversity of human cultures. It calls attention to the respect, valorization, and preservation of the traditional, indigenous, and tribal knowledge in times of globalization.*

KEY WORDS: *Ethnoscience; culture; scientificism; globalization.*

INTRODUÇÃO

1. Cada cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e preservados;
2. Todo mundo tem o direito e o dever de desenvolver sua cultura;

* Artigo escrito como parte da conclusão da disciplina Lógica e Crítica da Investigação Científica (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), sob a responsabilidade dos Professores Jenner Bastos Filho e Nádia Fernanda Amorim - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFAL).

** Prof. Aux. do Dep. de Ciências Biológicas.
E-mail: eraldont@uefs.br

3. Em sua rica variedade e diversidade, e nas influências recíprocas que exercem umas nas outras, todas as culturas formam parte da herança comum pertencente a toda humanidade.

(Art. 1º da Declaração da UNESCO dos Princípios de Cooperação Internacional, 1970)¹

O modelo de ciência que herdamos e que se encontra hoje representado é um modelo surgido no Ocidente. Por suas características, a ciência ocidental moderna é considerada como sendo a única capaz de descrever o mundo e de dar a ele um sentido lógico. Seus princípios, métodos e técnicas foram levados para todos os recantos do mundo e tomados como universais. Nessa perspectiva, qualquer hipótese ou interpretação de fatos que não afinem com as idéias vigentes é ignorada; qualquer tentativa de incluir explicações criadas fora do rigor científico ocidental, que fuja da objetividade, é banida dos templos acadêmicos.

De acordo com CHRÉTIEN (1994), há ciência em todas as sociedades, inclusive nas arcaicas. Segundo ele, a importância dos estudos etnocientíficos está justamente na constatação de que toda e qualquer sociedade se esforça para compreender o mundo a sua volta. As sociedades tradicionais possuem um conhecimento apurado sobre o ambiente onde vivem, o que lhes permite adaptarem-se às condições desse ambiente (ZWAHLEN, 1996; MORIN-LABATUT, AKHTAR, 1992).

A descoberta de que a ciência não é totalmente científica abalou profundamente suas bases de sustentação (FEYERABEND, 1988). Por essa razão, os cientistas treinados nos métodos da ciência ocidental não podem mais cerrar os olhos para a diversidade de culturas e de seus saberes, nem negar sua existência, especialmente agora que culturas, línguas e recursos biológicos extinguem-se mais rapidamente, devido ao processo de globalização e à destruição de *habitats*.

Este artigo refere-se à crítica sociológica ao cientificismo, realizada por CLAUDE CHRÉTIEN (*op. cit.*), analisando o ca-

¹The context of indigenous knowledge. Part 1.

Texto disponível no site URL <http://www.usask.ca/nativeiaw/ikl.html>

pítulo em que o autor versa sobre a ciência diante da diversidade das culturas, ao tempo em que chama a atenção para o respeito e a valorização do conhecimento e das práticas tradicionais de povos situados à margem da ciência ocidental.

DESENVOLVIMENTO

LÉVY-BRUHL (*apud* CHRÉTIEN, 1994) diz que o conhecimento dos povos “primitivos” brota da satisfação das necessidades básicas da vida, através de uma ligação afetiva realizada com a natureza e seus elementos. LÉVI-STRAUSS (1962), no entanto, afirma que “os povos ‘primitivos’ constituíram em cima de seu ambiente natural um saber rigoroso e sistemático, por meio da classificação coerente dos objetos e de suas funções”. É o que ele chama de ciência do concreto, em oposição à ciência do abstrato. MORIN (1989) resolve a questão quando diz que os grupos humanos agem em termos de suas imagens da natureza e visões de mundo. Segundo ele, o cérebro humano, mediante a cultura em que se encontra, tem as mesmas potencialidades, havendo evidências fortes sobre a existência de universais do pensar. Como MORIN (1983) atesta, o conhecimento está ligado à ativa relação com o mundo exterior. O objetivo da ciência teórica é, então, levar ao grau mais alto possível e consciente a redução perceptual do caos (SIMPSON, *apud* STURTVANT, 1964).

Em todas as sociedades humanas, o conhecimento racional empírico não se encontra separado da esfera simbólico-mítico-mágica (ELKANA *apud* CHRÉTIEN, *op. cit.*). Ao contrário, o saber indígena é um amálgama de mitos, lendas, músicas, plantas, animais e seres sobrenaturais (POSEY, 1986). No entanto, a separação entre objeto e sujeito, entre homem e natureza que impera no mundo ocidental (MORIN, 1989) dificulta a compreensão e a análise do conhecimento tradicional por pesquisadores treinados com os métodos e as técnicas da ciência ocidental. Como MORIN (*op. cit.*) observa, é impossível isolar o ser vivo de seu ecossistema, o indivíduo, da sociedade em que vive, o sujeito, do objeto.

POPPER (1982), no livro *Conjecturas e Refutações*, diz não haver fontes últimas de conhecimento. CHRÉTIEN (1994) corrobora o pensamento de POPPER ao afirmar que “não há uma única maneira de fazer ciência”. A ciência ocidental, então, necessita revestir-se de humildade e abandonar seu etnocentrismo, pois outros modos de percepção e explicação do universo existem para serem estudados. Segundo o antropólogo e etnobiólogo DARREL POSEY (1986), o saber das populações indígenas da Amazônia sobre tinturas, óleos, corantes, inseticidas, remédios, comidas, repelentes, essências naturais e muitos outros recursos utilitários forma um banco relativamente inexplorado de novos conhecimentos que os cientistas ocidentais, se destituídos de seu orgulho e etnocentrismo, poderiam aprender com os cientistas indígenas. Ele enfatiza que o resgate e a valorização dos saberes tradicionais têm implicações na medicina, ecologia e manejo dos recursos naturais (POSEY, 1987). Documentos, como Nosso Futuro Comum, afirmam que

o manejo sustentável dos recursos naturais só pode ser encontrado desenvolvendo-se uma ciência baseada nas prioridades dos povos locais e pela criação de uma base tecnológica que misture tanto as abordagens tradicionais quanto as modernas para solucionar os problemas (MORIN-LABATUT, AKHTAR, 1992).

Do ponto de vista da quantidade e da qualidade, a fonte mais importante de nosso conhecimento, além do conhecimento inato, é a tradição (POPPER, 1982). Ninguém cria algum experimento científico partindo do nada, pois tem que seguir pistas deixadas por um antecessor. Desse modo, a ciência não goza de nenhuma superioridade. Como bem afirma FEYERABEND (1988), a ciência está muito mais próxima do mito do que uma filosofia científica possa admitir. A história da ciência registra vários exemplos sobre o modo como os cientistas “puros” se apropriavam de pedaços de saberes não-científicos e se enriqueciam com eles. Por essa razão, diferentes observações sobre determinado tema devem convergir e explicar-se mutuamente, pois cada uma delas tem uma parcela de verdade que exprime o real.

A diversidade cultural fortalece as sociedades humanas (SACARRÃO, 1989; CAPP e JORGENSEN, 1997). Ainda, os povos são a “expressão viva” do próprio conceito de desenvolvimento (HANBURY-TENISON, 1991). Porém, a expansão do capitalismo (leia-se globalização da economia e homogeneização das culturas) põe em risco a sociodiversidade do mundo (IANNI, 1996). O Princípio 22 da Declaração do Rio, que versa sobre os povos indígenas e tradicionais, recomenda que “os Estados devem reconhecer e devidamente apoiar sua identidade, cultura e interesses, bem como capacitar sua efetiva participação para a realização do desenvolvimento sustentável” (MORIN-LABATUT, AKHTAR, *op. cit.*).

CONCLUSÃO

É possível reconhecer outros modos de apropriação da natureza não necessariamente baseados no racionalismo e no pragmatismo da ciência vigente. Fazendo-se isso, quebra-se o monopólio epistemológico imposto pela ciência moderna. Reconhecendo-se a importância das diversas culturas e suas ciências, uma última palavra deve ser dita a favor de sua preservação: a propriedade intelectual, cultural, científica e mesmo sagrada de povos indígenas e tradicionais deve ser transformada numa questão central nos debates dos grandes encontros político-científicos, caso contrário, será privatizada pela indústria e usurpada de seus originadores (POSEY, 1987). Ainda, o reconhecimento das ciências indígenas e tradicionais é um poderoso argumento à salvaguarda das populações marginalizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPP, J. C., JORGENSEN, C. Traditional knowledge: don't leave the future without it. Conferência Norte Americana sobre Vida Selvagem e Recursos Naturais, 62. Washington, DC, 1997. Disponível no site URL: <http://www.alaska.net/~akanafws/techp.html>.
 CHRÉTIEN, C. *A ciência em ação*. Campinas: Papirus, 1994.
 FEYERABEND, P. *Contre la méthode*. Paris: Seuil, 1988.

- HANBURY-TENISON, R. Povos tribais. In: PORRIT, J. (ed.) *Salve a terra*. São Paulo: Globo. Círculo do Livro, 1991. p.137-141.
- IANNI, O. Globalização e diversidade. In: FERREIRA, L.C., VIOLA, E. (org.). *Incertezas de sustentabilidade na globalização*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.
- MORIN, E. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.
- _____. *Idéias contemporâneas - entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Ática, 1989.
- MORIN-LABATUT, G., AKHTAR, S. Traditional knowledge: a resource to manage and share. *Development*, n.4, p.24-30, 1992.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- POSEY, D.A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Etnobiologia. Petrópolis:Vozes/Finep, 1986. p.15-25.
- _____. Etnobiologia e ciência de *folk*: sua importância para a Amazônia. *Tuebingen Geographische Studien*, n.95, p.95-108, 1987.
- SACARRÃO, G. da F. *Biologia e Sociedade II: o homem indeterminado*. Portugal: Publicações Europa-América, 1989.
- STURTVANT, W. C. Studies in ethnoscience. *American Anthropology*, v.66, n.3, p.99-131, 1964.
- ZWAHLEN, R. Traditional methods: a guarantee for sustainability? *IK Monitor*, v. 4, n. 3, p. 1-7, 1996. Disponível no site URL: <http://www.nufficcs.nl/ciran/ikdm.html>.